

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**Elvira dos Anjos Fontinha**

registada em 2008-09-14  
por

Carla Aguiar e Cláudia Simões



## **Elvira dos Anjos Fontinha**

Elvira dos Anjos Fontinha nasceu no Piódão, a 30 de Janeiro de 1936. Os pais eram António Adrião e Maria da Glória Fontinha. Tiveram três filhos. Trabalhavam na agricultura e, às vezes, o pai ia para Lisboa, “ganhar alguma coisa para os filhos”. A mãe trabalhava em casa e na agricultura. Elvira e os irmãos ajudavam na fazenda e iam para a escola. Mas o seu pai dizia que “as raparigas não era preciso”. Depois da escola foram para o Alentejo. Andavam lá nove meses a trabalhar e depois vinham outra vez para o Piódão. A infância de Elvira foi a trabalhar no campo e a ajudar as pessoas, no cultivo das terras e a acartar pedras para casas, às costas. O marido conheceu-o em casa do seu avô. Ele andava na tropa e escreveram-se. Quando veio, passado pouco tempo casaram na igreja do Piódão. Tiveram cinco filhos, mas dois morreram. Depois de casada ficou na aldeia “a cultivar aí uns bocaditos”.

# Índice

Identificação Elvira dos Anjos Fontinha.....	4
Ascendência António Adrião e Maria da Glória Fontinha.....	4
Casa "Nem havia casas de banho".....	6
Infância "Para o Alentejo e pronto".....	6
Educação "Aprendi pouco".....	7
Namoro "Na mesma casa donde eu vivo hoje".....	7
Casamento "Com um fato qualquer".....	8
Descendência "Não está cá ninguém".....	9
Percurso profissional No Alentejo, a trabalhar e a cantar.....	10
Costumes Festas cheias de alegria.....	10
Religião A doutrina.....	12
Lugar "A gente se vai para algum lado gosta é de vir outra vez".....	13
Sonhos O carro que nunca tive.....	16
Avaliação "Escrever as tradições".....	17

## **Identificação *Elvira dos Anjos Fontinha***



### **Elvira dos Anjos Fontinha, com 15 anos (Vila Franca de Xira)**

O meu nome é Elvira dos Anjos Fontinha. Eu nasci em Piódão, a 30 de Janeiro de 1936.

### **Ascendência *António Adrião e Maria da Glória Fontinha***

Os meus pais eram António Adrião e Maria da Glória Fontinha. Eram cá do Piódão. Irmãos tive três. Um já morreu. Sou eu e tenho outra irmã.



### **Elvira dos Anjos Fontinha, com o irmão e o pai**

Os meus pais trabalhavam na agricultura e, às vezes, o meu pai ia sair para Lisboa, ganhar alguma coisa para os filhos. Embora a gente cultivasse na fazenda, sempre era preciso dinheiro para se comprar vestuário e o que era preciso. A minha mãe trabalhava em casa e na agricultura. Trabalhavam aí nuns bocados aí em volta da povoação. Cultivavam milho, feijão, batatas e assim. Às vezes tratavam de terras de outras pessoas. Tinham que dar metade do rendimento que havia. Se não chegava a fazenda que a gente tinha, íamos cultivar de outros mas tínhamos de lhe dar metade para eles, para os patrões que tinham as terras. Tínhamos também cabras e a minha mãe chegou a ter ovelhas. Agora temos só cabras.



**Elvira em Vila Franca de Xira (na fila de baixo, 3ª da esq. para a dta.)**

### ***Casa "Nem havia casas de banho"***

Na casa dos meus pais, naquele tempo nem havia casas de banho. Era só os quartos para a gente dormir, a sala e tinha uma loja. Na loja era onde se punha a salgadeira, que guardava as carnes quando se matava o porco e eram os pipos onde punham o vinho. Nós tínhamos outro andarzito. Então, uns dormiam num lado e outros no outro.

### ***Infância "Para o Alentejo e pronto"***

Eu os meus irmãos ajudávamos na fazenda. Depois, assim que a gente pôde, íamos para a escola.

Depois da escola fomos para o Alentejo. Andávamos lá nove meses a trabalhar e depois vínhamos outra vez para o Piódão. Começávamos nas vindimas e andávamos na azeitona lá também, a apanhar vides. Depois nas ceifas e nas mondas.

Na minha infância andava aí a trabalhar no campo e depois andava a ajudar as pessoas. Umhas vezes no cultivo das terras, a acartar pedras aí para essas casas, às costas. Íamos buscar carregos aqui a Pomares ou a Vide. Ganhávamos 10 escudos quando cá chegávamos com o que fosse.

## **O açúcar**

*Uma vez, fomos a Pomares e então era açúcar que trazíamos. Uma saca de 60 quilos dividíamos-la. Eram uns 30 quilos para cada uma. Então, começou a nevar e a gente as rodilhitas que lá levávamos tivemos que as pôr por cima do açúcar senão derretia-se-nos pelas costas abaixo.*

A gente dançava e divertia-se umas com as outras e com os rapazes também. Não era como agora. Era de outra maneira antigamente. Até costumavam dançar aqui em baixo na minha casa. Ainda era do meu avô, naquela altura. Quando estava a chover, era uma sala ampla, então às vezes também lá dançávamos.

Nos tempos livres, às vezes, fazíamos renda ou assim qualquer coisa para se entreter, uns panos e assim. A renda foi a Liberta que me ensinou. Íamos para as cabras as duas e então aprendi com ela. Ainda novitas. Hoje, às vezes, faço uns panos e dou às minhas filhas e outros tenho-os por aí.

## **Educação "Aprendi pouco"**

Ainda fui à escola mas aprendi pouco, porque andei lá pouco tempo. Quando andaram os meus filhos ainda eram 40 ou 50 alunos na escola. Na minha altura também eram muitos. Só que muitos não se importavam de mandar os filhos. O meu pai também não era grande coisa para nos mandar à escola. Dizia que as raparigas não era preciso. Desde sempre tive pena de não acabar de aprender. O meu pai queria que a gente fosse ganhar alguma coisa. Íamos lá para o Alentejo e pronto.

A escola era no Piódão à beira da igreja. Depois foi lá em cima no Malhadinho, aquela que agora está ardida. Era assim uma salita com umas carteirazitas assim velhas. Parece que até tinham vindo de outro lado.

Quase sempre que eu lá estive foi um professor. A gente escrevia numa pedra, com uns lapizitos que parecia que era pedra também. Era numa pedra quadrada e tinha uns caixilhitos à volta. Era naquilo que escrevíamos.

## **Namoro "Na mesma casa donde eu vivo hoje"**

Conheci o meu marido em casa do meu avô. É na mesma casa donde eu vivo hoje. A gente já se conhecia de antes. Ele nunca me tinha dito nada, nem eu pensava mesmo em tal rapaz. Mas depois aconteceu. Ele andava na tropa e



ainda nos escrevêramos. Era costume virem pedir em casamento aos pais. Ele veio e daí a pouco tempo casáramos.



**Elvira e o marido António Lopes Fontinha (Piódão, 2007)**

### **Casamento "*Com um fato qualquer*"**

Naquela altura, no casamento, ainda não usavam assim véus brancos, nem o fato branco. Era com um fato qualquer, desde que fosse novo. O meu era um casaco verde e era uma saia azul e blusa acho que era branca, já nem lembra bem.

Casei na igreja do Piódão. Havia convidados, mas fazia-se casamento em casa. Era assim um almoço e chamavam-se umas pessoas e a família. Comia-se arroz-doce e uns bolos. Matava-se uma rês, um borrego, uma cabra ou uma ovelha, uma coisa que trouxessem assim lá no curral. Comia-se chanfana e era isso. Era a família, mais ou menos, que fazia o almoço. Ainda era muita gente.



**Casamento de Elvira com António Lopes Fontinha (Piódão, 11 de Fevereiro de 1961)**

### **Descendência "*Não está cá ninguém*"**

Tenho três filhos. Tive cinco, mas dois morreram. O primeiro foi uma menina. Chama-se Isilda e ainda é viva. Depois tive um rapaz, é Vítor. Tenho mais uma rapariga que é Maria dos Anjos. Não está cá ninguém. Um trabalha em Vila Franca, num estabelecimento e tem a casa dele no Carregado. Uma é em Côja e outra é em Arganil. A rapariga trabalha num lar dos velhos lá em Arganil. A outra trabalha nas confeccões lá perto do Sarzedo, dizem que é Relvinha.

Foram para a escola. Ainda andaram a estudar mas depois não quiseram saber. Não quiseram mais que não estavam para matar a cabeça. Cultivar ninguém quer, agora está quase tudo relva.



**Elvira e o marido António Lopes Fontinha (Piódão, 2007)**

### **Percurso profissional *No Alentejo, a trabalhar e a cantar***

A primeira coisa que fiz foi a trabalhar no Alentejo. Nas vindimas a apanhar azeitona, apanhar vides e, às vezes, até tínhamos que cavar também. Vinham ao Piódão uns senhores, lá para umas quintas ricas e então a gente ia trabalhar.

Já não me lembra bem as cantigas mas a gente cantávamos. Uma vez tínhamos que ir a pé, outras vezes íamos num tractor de carga para trás, ou numa camioneta. Então, a gente gostava muito de cantar e íamos sempre a cantar.

O lagar eram homens que lá andavam, mas andei lá também a lavá-lo. O da azeitona andei lá a lavá-lo mais outra rapariga. Mas aquilo já era mais à moderna. Já não era como era aqui. Era assim tudo mais ou menos em azulejo e assim.

Ganhava muito pouquinho. Era só 1 conto e tal os nove meses e davam 2 e meio de azeite e 3 alqueires de farinha para se a gente governar. Parece que também nos davam 5 litros de feijão. A gente tinha que se governar com aquilo até eles darem para outra vez. Íamos numa camioneta de carga, as primeiras vezes. Depois já era numa camioneta de carreira.

Depois vim para o Piódão outra vez e cá me casei. Cá fiquei também a cultivar aí uns bocaditos. O meu marido dantes andou nas estradas. Depois foi para os Correios e a gente por cá ficou. Se ele cá não arranja trabalho era capaz de também termos ido para outro lado. Mas depois ficáramos cá. Hoje já posso pouco mas ainda vou fazendo o que posso.

## **Costumes *Festas cheias de alegria***

### **As romarias**

Nós as romarias era mais aqui a Senhora das Preces. Nas romarias a gente íamos à missa, à procissão e, às vezes, também se lá andava no baile. A procissão era o pálio, as santinhas, pelo menos era a Senhora das Preces e, às vezes, mais santos que lá iam e as bandeiras.

Cá, antigamente, levavam as fogaças e depois iam ao lanche quando vinham de volta. Tocava a música e era assim. Quem organiza é mais ou menos o padre e a Comissão.

### **Do porco às chouriças**

Para matar o porco, chamava-se uns homens para se segurar. Depois chamuscavam aquele pêlo e abríamos. Iam lavar as chouriças aos barrocos. Depois aquilo é virado. Miga-se a carne, tempera-se e depois enche-se os chouriços e põe-se a secar ao lume. Deixa-se secar numas varas de cima de onde façam lume. Antes era nas fogueiras, mas agora, às vezes, já não querem defumar as casas e fazem mais um curralzito ou assim para as secarem.

### **Natal sem prendas**

No Natal a gente nem tinha prendas! Os pais, coitados, não podiam. Não havia grandes dinheiros nem nada. Tomara eles dinheiro para irem vestindo a gente e dando de comer e assim. Agora é que já há prendas.

Dantes, quando era dia de Reis ou dia de Janeiras, os rapazes organizavam-se e faziam um pau com uns pregos e andavam pela rua. Iam às portas das pessoas que matavam o porco. As pessoas davam chouriças e bocados de carne e faziam assim uma coisa para todos. Eles traziam já aqueles pregos num pau, então punham lá as chouriças penduradas. Cantavam à porta das pessoas e era assim. Iam fazer, diziam, que era umas pândegas. Juntavam-se os rapazes e depois coziavam aquilo. Às vezes, arranjavam também hortaliças para comerem com aquelas chouriças e batatas e comiam então assim. As raparigas não se juntavam para essas coisas.

## As cruzes de louro casas

No Domingo de Ramos vão benzer o louro à igreja. Depois, o dia 3 de Maio, dia de Santa Cruz, fazem então as cruzes. É tradição. Dantes até punham nas fazendas mas agora, às vezes, é só nas casas, outros ainda põem onde têm a fazenda cultivada. Diz que é para Deus proteger as coisas das trovoadas. Para não se estragar os renovos. O renovo é as coisas da agricultura, as coisas que lá há, o cultivo.

## Religião A doutrina

Fiz a Primeira Comunhão e fiz a Comunhão Solene. Depois ainda a renovei outra vez. Foi aqui no Piódão. Era uma senhora que nos ensinava, ali numas casitas dela. Ensinava-nos a doutrina e depois íamos, diziam que era examinar. Os padres iam ver se a gente sabia ou não. Se a gente soubesse a gente ia, se a gente não soubesse tinha que ficar para outro ano. Eu graças a Deus fiz sempre. Passei sempre bem, foi logo à primeira vez.

Nós tínhamos de saber a doutrina toda, decorá-la na cabeça. Até do catecismo e tudo. Eram os Mandamentos da Lei de Deus, as coisas espirituais, as Bem-Aventuranças, o Acto de Contrição, os Novíssimos do homem, essas coisas assim. Estas orações a gente tinha de dizer tudo.

À missa vou sempre. É ao domingo. Só algum dia que estiver doente é que não vou.

A minha mãe ensinou-me uma oração antiga:

*"Nesta cama me deito, com intenção de me levantar  
Um anjo me veio anunciar que havia de morrer  
Ainda não hei-de morrer que ainda não estou preparada para dar contas  
ao Senhor  
Quando se consagra a hóstia está o cálice num altar, se perguntarem  
quem é, diz que é o menino Jesus que está com os braços abertos  
pregados numa cruz  
Com três pregos está pregado, com três filhos está curvado  
Quem esta oração disser um ano com devoção, terá tanto de perdão  
como o mar tem de areias e o céu de estrelas."*

## **Lugar "A gente se vai para algum lado gosta é de vir outra vez"**

### **Chanfana de borrego**

Para a chanfana de borrego faz-se-lhe um refogado. Depois põe-se vinho, colorau, alho e salsa. Também azeite e um bocadinho de margarina. Depois mete-se lá a rês. Punha-se a assar no forno. Agora costumam a pôr, às vezes, as batatas à parte. Porque a que fica, fica limpa, dá para outra vez. Enquanto que se meterem tudo junto já não dá tanto jeito.

### **Doces e bolos**

Os doces é o arroz-doce e faziam coscoréis, que são filhós. Filhós ou coscoréis é tudo a mesma coisa. Faziam outros bolos também, como aqueles que agora se compram, a gente fazia em casa. O arroz-doce faz-se mais ou menos tanto de açúcar como a de arroz. Põe-se um bocadinho de limão e leite e é assim. Põe-se um tacho ou uma panela, onde a gente queira fazer, ao lume. Deixa-se aquecer a água. Depois junta-se-lhe o leite, o açúcar e um bocadinho de limão. Deixa-se cozer. Põe-se então nuns pratinhos ou onde a gente queira.

Sei fazer pão-de-ló também. Partimos os ovos para uma tacinha. Dantes a gente batia à mão. Tínhamos uns batedores. Era quase só a minha mãe que sabia fazer. Tínhamos que fazer quase para a povoação toda. Quando era pelas festas tudo queria que lhe fizéssemos pães leves. Então, a gente tínhamos um batedor, ajudava eu e mais os meus irmãos a bater. Porque muitos queriam que lhe fizessem. Era 12 ovos, 250 de farinha e também açúcar. Eu agora faço é um que leva sete, oito ovos conforme a gente queira pôr, e é um iogurte, pode ser de côco, fica melhor que dos outros. Leva o copo de iogurte meio de óleo e é tanto de farinha como de açúcar. Põe-se primeiro o açúcar e a farinha. Bate-se com aquelas coisitas que agora há a electricidade e estando aquilo tudo, no fim é que se põe a farinha. Às vezes ponho-lhe as claras à parte. Bato-as em castelo à parte e a gema à parte. Põe-se também 2 colherezinhas de fermento, aquelas pequenas.

### **Queijo de cabra**

O queijo de cabra, a minha mãe fazia, a gente aprendeu e começou a fazer também. A gente traz a lata lá das cabras. Chega a casa, às vezes aquece-se um

bocadito de água para lá pôr para se desfazer mais depressa. Lava-se uma panela, põe-se-lhe um pano para não passarem cabelos nem sujidade nenhuma. Depois põe-se-lhe um bocadinho ou de cardo ou daquele coalho que agora se compra nas farmácias. Espera-se um bocado, que ele se ponha bom e começando a ter soro de um lado, a gente vê e então fá-lo. Põe-se numa forma e depois põe-se sal e vira-se de um lado e doutro. Depois põe-se numa tábua se a gente o quiser secar. Se o quiser comer fresco come-se assim.



**Elvira dos Anjos Fontinha com o rebanho de cabras (Piódão, 2007)**

### **"Ainda hoje fazia broa se fosse preciso"**

Ainda hoje tenho milho. É para os animais e a gente dantes moía. Tínhamos uns moinhos na ribeira, então a gente ia lá moer. Íamos buscar lenha, amassava-se, punha-se no forno e cozia. Fazíamos umas broitas. Numas tigelas tendiam-se. Púnhamo-las na pá e os homens punham-nas lá dentro do forno até se cozerem. Depois tirava-se para uma cesta ou para uma coisa qualquer. Ainda hoje fazia broa se fosse preciso.

A gente põe uma pinga de água a aquecer. Tem de ser com água quente e fermento. Depois amassa-se, espera que se levede. Põe-se o forno a arder. Estando mais ou menos lêveda, a gente leva para o forno a gamela e depois começa a tender, naquelas tigelitas, e mete em cima da pá. Lá as põe dentro, lá as coze.

Dantes, o forno era nosso, mas vinham cá cozer também as pessoas do povo. Agora tenho um, mas depois que foi composto, ainda nem serviu. Agora vêm os padeiros e a gente às vezes com a preguiça já não vai cozer.

Como era mais que uma pessoa a cozer, a gente púnhamos-lhes uns sinais. Uma punha um buraco, outra fazia, diziam, um belisco. Apertavam a massa e ficava como que era um belisco. Outras punham um dedo e se fossem mais punham dois, outras punham três e era assim.

A broa era boa. Podia haver uma vez ou assim que não calhasse tão bem mas ao mais era sempre boa.

### **Com as raparigas**

Agora já lava a gente nas máquinas de lavar e assim. Mas dantes, íamos por aí. Às vezes juntávamo-nos duas e três a lavar ao pé umas das outras e era assim. Nós púnhamos a roupa a corar nos "relvoeiros" e ela lá se corava um dia ou dois. Depois é que então a torcíamos.

Não havia lavadouros. Era na ribeira e assim, às vezes, em cima, chamamos lá a Poça da Várzea. É onde agora estão uns tanquezitos, mas dantes era umas pedras que lá estavam, é que a gente lá lavava.

Às vezes andávamos a trabalhar com mais raparigas. A acartar pedras aí para as casas e assim.

### **Os jogos**

Os habitantes do Piódão, agora quando se querem reunir é lá no largo, onde param os carros. Mas dantes era ali ao pé do restaurante. Lá é que tocava a música quando era nas festas e tudo. Quando estavam todos juntos uns dançavam e cantavam, era conforme.

A gente jogava ao feijão. Fazia umas covitas lá em cima na eira. Quem lá metesse dentro de uma pocita que faziam é que ganhava e os outros que lá não metessem perdiam. E ao coque e ao chincão. Ao coque iam-se esconder. Quem os fosse encontrar tinha que os trazer às costas até onde estavam os outros. E o chincão também. O chincão diziam:

- "Malha um, malha dois, malha três."

Depois iam-se esconder. Quem os encontrasse tinha que os trazer.



### **"Nem tinha estudos"**

Antigamente quase nem cá vinha o médico. Quando alguma pessoa precisava tinha que ir ou a Arganil ou a Avô. Também havia um médico em Avô que às vezes cá vinha a cavalo.

Para uma constipação ou assim era com ervas daí dos campos. Havia aí um senhor que também dava assim medicamentos. Mas não era médico nem nada, acho que nem tinha estudos. O que é, ele sabia assim, dava bem com as doenças e curava-se muita gente com aquilo. Eu quando era pequena até tive também um tumor aqui no pescoço e foi ele que o abriu.

### **"Já não é como era dantes"**

Os ofícios no Piódão acho que era só um alfaiate. Era uns do Romão. Acho que era Abílio.

Comércio eram só dois. Um chamava-se senhor Arnaldo e o outro senhor José Lourenço, que era o sogro da minha cunhada. Não havia cá mais nada.

Hoje já não é como era dantes. Já não há, parece-me, tanta união como era antigamente. Antigamente eram mais pobres mas davam-se melhor e ajudavam-se uns aos outros e tudo.

Cultivava-se a terra e cuidava-se dos filhos e assim. Até dos filhos a gente tem saudades daquele tempo. Apesar de a gente levar mais trabalho, era melhor. Eles falavam, a gente falava com eles e parecia que tudo corria bem. Era à fogueira às vezes a contar contos, ao pé do lume. Ao serão às vezes juntava-se mais que uma casa. Lá estavam a conversar, às vezes, o que lhe apeteciam.

Eu gosto de cá morar. A gente se vai para algum lado gosta é de vir outra vez .

### **As mudanças com a luz**

Vir a luz foi muito bom. A gente primeiro era com uns candeeiritos a petróleo. Botava muito fumo. A luz veio melhorar muito. Dá para a gente guardar as coisas nas arcas, nos frigoríficos e dantes era só no sal que a gente guardava as coisas. Mesmo as carnes dos porcos e assim tínhamos de pôr no sal. O enchido secávamo-lo. Depois lavava-se bem lavado e punha-se em azeite, numas panelas e ia-se dali tirando.

## Sonhos *O carro que nunca tive*

Eu só gostava era de ter tido um carro e não o tive. Os meus irmãos todos tiveram só eu é que não. O meu marido nunca tirou a carta porque andava no correio, nunca tinha vagar.

## Avaliação "*Escrever as tradições*"

Estas coisas de escrever as tradições, acho bem. Não é mal nenhum. Para mim gosto cá das pessoas.



**Elvira dos Anjos Fontinha (Piódão, 2007)**